

## Da luta contra a escravidão à luta contra a exclusão

Captação e distribuição de água, 25 salas de alfabetização de jovens e adultos: primeiros passos para melhorar as condições de vida e preservar a cultura do povo quilombola do norte mineiro.

Texto: Angela Pinho. Fotos: Iolanda Huzak.

Muitos anos antes de Santo Fernandes de Souza nascer, sua avó prometeu: se tivesse filho cantor, faria a folia de reis pelo resto da vida. Morreu festeira. E o filho, por sua vez, passou a musicalidade ao seu menino. Santo aprendeu a bater no tambor que leva às batucadas. Francisco Ferreira do Nascimento, 85 anos, também gostava de participar do batuque na festa de Nossa Senhora da Saúde que, todo setembro, atrai 20 mil pessoas a Jacaré Grande, município de Janaúba, Minas. Foi Miguilina, sua bisavó, que cedeu à igreja a primeira estátua da santa. Até hoje ele conta, indignado e lastimoso, que as terras da igreja construída por seu avô foram tomadas à força por fazendeiros bem no meio da festa.

### Condenados à seca

As famílias de Francisco, de Santo e de muitos outros construíram a história dos 6 mil habitantes hoje espalhados por 47 mil hectares do norte mineiro. Há séculos, seus antepassados se embrenharam no cerrado e se estabeleceram no vale formado pelos Rios Salinas e Gurutuba. A região abriga hoje 27 comunidades remanescentes de quilombos. Na década de 1950, o Estado exterminou a malária na região. Os gurutubanos resistiam à doença, por isso viviam em paz. Com o fim da malária, fazendeiros tomaram suas terras e os expulsaram para lo-



VALE DO GURUTUBA: RESGATE DA AUTO-ESTIMA E DOS DIREITOS DOS QUILOMBOLAS.

rutuba e outras organizações populares, distribuíram alimentos, roupas e sementes; doaram moto para a associação; e encaminharam lista de reivindicações a prefeituras e ministérios. Os indicadores sociais eram alarmantes. A renda mensal das famílias, em média com sete pessoas, era de 180 reais. Só na comunidade de Pacuí, em 2003, a taxa de mortalidade infantil era de 150 a cada mil nascidos vivos, quando a média nacional era de 27. Muitos quilombolas nem sabiam que faziam parte do mesmo povo. “Era preciso resgatar a auto-estima e o reconhecimento dos

às margens dos rios. Muitos fugiram para as cidades.

### Identidade quilombola

A história mudou em 2003. Graças a estudo antropológico, descobriu-se que os gurutubanos eram quilombolas. Agências do Banco do Brasil, as Superintendências Estadual e Regional, os Comitês de Solidariedade de Belo Horizonte e Serra Geral e a Fundação Banco do Brasil começaram a atuar. Junto com a Associação Quilombolas do Gu-

rutuba e outras organizações populares, distribuíram alimentos, roupas e sementes; doaram moto para a associação; e encaminharam lista de reivindicações a prefeituras e ministérios. Os indicadores sociais eram alarmantes. A renda mensal das famílias, em média com sete pessoas, era de 180 reais. Só na comunidade de Pacuí, em 2003, a taxa de mortalidade infantil era de 150 a cada mil nascidos vivos, quando a média nacional era de 27. Muitos quilombolas nem sabiam que faziam parte do mesmo povo. “Era preciso resgatar a auto-estima e o reconhecimento dos direitos deles e preservar a cultura”, diz Rosângela D’Angelis Brandão, gerente de expediente do Banco do Brasil de Janaúba e uma das principais responsáveis pelo trabalho com os quilombolas. Surgiu a idéia de implantar um programa de educação. O analfabetismo atingia 58% dos quilombolas. A Fundação Banco do Brasil já tinha, desde 1992, experiência na área: o programa BB Educar, de alfabetização de jovens e adultos.



ALFABETIZAÇÃO DE PAI PARA FILHO; DE NETOS PARA AVÓS.



LOGO DE INÍCIO, 450 ALUNOS INSCRITOS.

“A gente assinava com o dedão”  
Um dos primeiros a se interessar pelo curso foi Marciano Fernandes Souza, 85 anos, avô de Dernivaldo Fernandes Lima, presidente da Associação. Mas não enxergava bem. Exames mostraram que 302 pessoas da comunidade precisavam de óculos e 36 tinham catarata. Havia outros problemas: a necessidade de buscar água ocupava horas de cada dia dos gurutubanos; na colheita, os jovens tinham de realizar trabalhos em fazendas da região; algumas comunidades não tinham espaços adequados para as aulas. Primeiro atacou-se a questão da água [veja boxe ao lado]. Em seguida, 47 pessoas do quilombo foram treinadas para alfabetizar, recebendo bolsa da Fundação Banco do Brasil, que viabilizou também a construção de algumas das salas de aula. Funcionários do Banco doaram armações de óculos e a Fundação providenciou as lentes. O início das aulas mostrou o tamanho do interesse: 450 alunos inscritos, das 27 comunidades. O método: usar temas da realidade dos alunos – cultura, identidade, questões locais. São 25 turmas, tios tendo aula com sobrinhos, avós e avós com netos, pais com filhos. “Meu sonho era que eles tivessem dado aula para mim, mas fico feliz de poder ensinar a eles”, diz Adauto Quaresma Franco, 17 anos, filho e professor de Liobino Quaresma que, orgulhoso do filho, explica por que faz o curso: “Os brancos nos davam documentos e a gente assinava com o dedão. Nossas terras foram tomadas porque ninguém sabia ler.” José Quaresma Franco, 65 anos, seu irmão, arremata: “A pessoa que não sabe ler tem de ir pela cabeça dos outros. Quero pensar pela minha cabeça.”



DERNIVALDO E OS AVÓS: VER PARA LER.

## Fim do jarro na cabeça



ENFIM, ÁGUA À MÃO: CHEGADA DOS PRIMEIROS CANOS FOI EMOCIONANTE.

Ironicamente, um dos maiores problemas daquele povo escondido às margens dos Rios Gurutuba e Salinas era água. Nestor Ramos Pereira, de 60 anos, lembra que tinha de ir ao rio diversas vezes por dia. “E levava pelo menos uma hora cada vez”, diz.

A situação se agravou no final da década de 1970. Devido à construção de barragens e a projetos de irrigação de grandes fazendas, os rios secaram: trágico para uma população que sempre viveu da agricultura. Em 2005, a Fundação destinou 377 mil reais para a captação e distribuição de água e ações de geração de renda. Segundo Rosângela, gerente de expediente do Banco do Brasil de Janaúba, a chegada dos primeiros canos foi emocionante. “As pessoas traziam enxadas, queriam abrir os poços na mesma hora”, conta.

Os novos poços possibilitarão muito mais do que fazer hortas e usar água tratada: os moradores deixarão de viver o dia em função da sobrevivência. Ou, nas sábias palavras do jovem presidente da Associação Quilombolas do Gurutuba, Dernivaldo: “A chegada da água permite que a gente possa pensar em coisas que não o peso do jarro que a gente carrega na cabeça.”

### PERISCÓPIO

#### Tecnologia social e mobilização comunitária na tevê

Estréia em 1º de outubro o programa *Mobilização Brasil*, uma parceria entre a Fundação Banco do Brasil e a emissora educativa TVE. A série vai divulgar soluções simples e criativas implementadas por comunidades de todo o País para solucionar seus problemas. As transmissões acontecem aos sábados, às 8 horas, pela TVE/Brasil, no Rio de Janeiro; pela TV Cultura, em São Paulo; e pelas demais afiliadas da Associação

Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Comunitárias (Abepec) no restante do País. A cada programa, reportagens sobre tecnologias sociais, entrevistas em estúdio e agenda de eventos dos movimentos sociais. Estão previstos 52 programas de 26 minutos cada um. O primeiro da série mostrará a atuação da Articulação no Semi-árido Brasileiro (ASA) no combate à falta de água.